

SERMAÕ

DO SABBADO
SEXTO DA QVARESMA.

PREGOVO NO CONVENTO
de Nossa Senhora da Graça em
as Completas, que nelle so-
lennemente se fizeraõ.

O PADRE M. F. CHRISTOVAÕ
de Almeida Religioso de S. Agostinho.



EM LISBOA.

[Com todas as licenças necessarias.]

Por Paulo CraesbeecK. Anno de 1647.



DOES ABBANDON
EXTORTION OF ABBANDON

THESE ARE THE
THESE ARE THE

THESE ARE THE
THESE ARE THE



Handwritten mark or signature on the right side of the page.

EM 11807
For Public Order, Association of...

T H E M A

*Cogitauerunt autem principes Sacerdotum,
vt et Lazarum interficerent.*

Ioann. 12.



EPRESENTAVASEME ami, que só em os fauorecidos do mundo, auia hūs que fossem vēturozos, & outros q fossem desgraciados: mas tambem parece q nos fauores, que fas o Ceo ha ventura, & ha desgraça. Deu Christo a vida

ao filho da viuua de Naim, mouido das lagrimas da may, & viuco sem que por isso se intentase darlhe a morte: resuscitou o mesmo Senhor a Lazaro morto de quatro dias, & como se o tornar auier Sò em Lazaro fora delito se ajūtou logo a corte de Ierusalem, & tratou de lhe tirar a vida: *Cogitauerunt autem principes Sacerdotum vt & Lazarum interficerent.* Bem digo eu logo, que tambem nos fauores, que fas o Ceo ha dita, & ha desgraça. Viueo o filho da Viuua de Naim resuscitado por Christo, mas naõ succedeo assi na resurreiçaõ de Lazaro, porqué o mesmo foi receber de Christo a vida, que fazereuse logo concelhos pera selhe dar a morte. *Luc. cap. 7*

E se entaõ se lhe preguntara aos principes de Ierusalem autores deste concelho taõ injusto, que crimes cometera Lazaro pera morrer, porq culpas tratauaõ de o matar? Responderiaõ, que naõ morria Lazaro por eulpas, q morria por conueniencias, que era rezão de estado, q Lazaro morresse, porque muitos dos Iudeos vendoo resuscitado deixauaõ a Moyses, & seguiaõ a Christo: deu por elles a resposta S. Ioão. *Quia multi propter illum abibant ex Iudeis, & credebant in Iesum.* He mui ordinario, & mui antigo costume este nas

Reg. 2. cap.
11.

Luc. cap. 6

cortes do mundo, fazerense sem rezoens, por amor de hũa rezão de estado: por hũa rezão, ou pera falar mais propriamente, por hũa sem rezão de estado deu Dauid a morte a Vrias, por outra sem rezão de estado tirou Herodes a vida ao Baptista, & foy hũa, & outra acção tão tiranica como injusta. Morreo Vrias na guerra porque se não descobriſſe hũ peccado de Dauid: *Ponite Vriam ubi fortissimum est præliũ* Acabou o Baptista no carcere, porque se não quebrantasse hũ iuramento de Herodes: *Et contristatus est Rex propter Ius-iurandum*: Hũa, & outra morte se deu por duas rezoens de estado, mas em cada hũa se feshũa sem rezão.

Senaõ digaõ me ami, que sem rezão mayor pode auer no mûdo, que castigar o offensor ao offêdido? que tirania mais injusta, que morrer Vrias por hũ decreto de Dauid, por se não descobrir o peccado, q̄ Dauid taõ arrojadamente commetera? & que maior injustiça, que degolar-se o Baptista por hũ decreto de Herodes, por não violar Herodes o juramêto, que inconsideradamente fizera? Mas como he rezão de estado, que não se descubraõ as culpas, nem se quebrem os juramentos dos Reys, ha esta de conseruar-se, ai nda que pera fazelo se commetaõ injustiças, & se fação sem rezoens. Por isso vemos tantas vezes no mûdo castigada a Innocência, & desimulado o delito. Com estes exemplos, ou com estas sem rezoens se infamaraõ as monarchias do mûdo em todos os seculos, nos passados, & nos presentes, bem poderei tambem affegar com toda a certeza, que assi fêra nos futuros, porque alem de o mundo ser sempre o mesmo, difficulosamente se cura hum mal tão velho, quanto mais q̄ mal pode elle buscar remedio, pera aquillo em que se persuade que esta a sua conseruação.

E assi como he tão antiga rezão de estado do mûdo, conseruar com sem rezoens as suas rezoens de estado, que muito que morresse Vrias sem culpa? Que muito que se degolasse o Baptista sem justiça, se com a morte de Vrias se encobria

cobria hum peccado de Daud, & com auida do Baptista se quebrantaua hũ juramento de Herodes, quando era rezão de estado que nẽm de hũ (porq̃ eraõ Reys) se foubesse aculpa, nẽm de outro se quebrantasse o juramento. E supposto este achaque tão ordinario, supposto este costume tão antigo das cortes do mundo, não nos pode anos ja cauzar espanto, os intentos dos Iudeus neste concelho. *Cogitauerunt autem Principes Sacerdotum, ut et Lazarum interficerent.* Verdade he q̃ Lazaro não tinha commetido culpa, pella qual merecesse amorte, mas como os grãdes da Corte de Ierusalẽ entẽdiaõ que era rezão de estado o conseruar-se Iudea na Ley, em que te então tinha viuido, & não conhecer a Christo pello Messias esperado, & estauão vendo q̃ naõ poderiaõ conseguir os effectos desta conseruação se não tirassem a Lazaro dos olhos do mundo, porque muitos dos Iudeos q̃ o viraõ morto, & o viaõ despois resuscitado por Christo tão prodigiosamente, como foy restituilo a vida depois de quatro dias de sepultura, como muitos dos Iudeos (digo) conuencidos com este milagre confessauão publicamente, que Christo era o Messias prometido nas Scripturas, & como atal o seguião. *Quia multi propter illam abibant ex Iudeis, & credebant in Iesum.* Pera euitar este dano (na sua opiniaõ) fazem hoie este concelho, & intẽtão dar logo amorte a Lazaro. Esta he acauza total, este ofundamẽto todo q̃ os grãdes de Ierusalẽ tiueraõ pera fazer este concelho sobre Lazaro: outro motiuo opontão os expositores fundados nesta rezão do Euangelista: Este com as circunstancias do concelho deixo pera o descurso do Sermão: pera o q̃ tenho necessidade de graça peçamola A V. S. N. offerecendolhe a oração Angelica. Aue maria.

*Maldonar
hic, & alij*

§ I

Hontem se fes hũ concelho sobre Christo injusto no intẽto, & na resolução tyranico: hoje se fas outro concelho sobre Lazaro o qual não foy injusto na resolução se foy tyranico

Ioann. cap

11.

nico no intento: não sei se parecera nouo este modo de dizer, mas se ami me não engana a imaginação, euido que he mui fundado no Evangelho. Dice que fora o concelho q̄ sobre Lazaro se fes tyranico no intento, porque ninguẽ poderà negar, que era grande tyrania querer dar a Lazaro a morte so por ter sido dito: dice tambem, q̄ não fora injusto na resolução, porque quanto ao que se pode collegir do Euāgelho, não se resolueo, nem se acētou hoje que Lazaro morresse. E toda a rezão em que me fundo he esta que direi logo, porque do Euangelho não consta mais que proporẽ os grandes de Ierusalem em concelho o darem a Lazaro a morte: *Cogitauerunt autem principes Sacerdotum ut & Lazarum interficerent*, mas não consta nem que buscasẽ a Lazaro pera o prender (como fizerão a Christo) nem que o chegassem a matar. Euidentemente parece que se infere logo que foy a resolução muy diferente de intento. E confirmo ainda mais esta rezão, com o que succeddo a Christo, porque por isso derão os Iudeos a morte a Christo, porque se resolueo no concelho que sobre elle ajuntaram, que era conueniente que morresse Christo: *Ab illo ergo die cogitauerunt ut interficerent eum*. Logo por isso não derão a morte a Lazaro, porq̄ se não acentou no concelho que sobre elle fizerão, que era justo que morresse Lazaro: parece logo verdadeiro modo de dizer ainda que se julge por nouo, que não foy o concelho de Lazaro injusto na resolução se foy tyranico no intento não foy injusto na resolução porque se não resolueo hũa injustiça, & foy tyranico no intento, porque se intentou hũa serezam.

Ioann. cap
11.

§ 2

Suposto pois que no concelho que se fes hõte se resolueo que morresse Christo, & no concelho que se fes hoje senão acentou que morresse Lazaro, ja se deixa ver a rezão de duvidar. Se os grandes de Ierusalem intẽtarão matar a Christo, & intẽtarão matar a Lazaro, se pera hũa, & outra morte

fizerão dous concelhos, que rezão podera aver pera que do primeiro concelho fosse a resolução tão tyranica, & deste segundo concelho não seja injusta a resolução. Hora eu darei a rezão tirada do Euãgelho porq̃ sãbẽ? porq̃ no cõcelho q̃ se fez sobre Christo resolucção sem cuidar, & no cõcelho q̃ se fez sobre Lazaro cuidarão pera resolver, aqui votou o entendimento, & acolà votou a vontade. Que no concelho de Lazaro votasse o entendimento não necessita de proua, porq̃ o mesmo Euangelho o está dizẽdo. *Cogi tauerunt autem.* Cuidar aq̃to he do entendimento. E que no concelho de Christo votasse a vontade dos Iudeos me parece ami que se mostra com euidẽcia do modo de falar do Euangelista: *Collegerunt ergo.* (dis S. Ioão) *Pontifices, & Pharisei concilium aduersus Iesum.* Que os Pontifices, & Pharisicos se ajuntarão em concelho cõtra Christo: *Aduersus Iesum:* não dice o Euangelista que fizeram os Iudeos hum concelho sobre Christo que esse era o mais acertado, & o mais proprio estilo de dizer, contar primeiro o que intentarão, cõtão depois contar o que resolverão, senão disse q̃ se ajuntarão em cõcelho contra Christo: desorte q̃ ja se estava vèdo dãtes, o que se auia de resolver depois: depois auiasse de resolver q̃ morresse Christo, & isso se via ja antes, que se resoluecc: *Aduersus Iesum.* E nos cõcelhos adonde se vè a resolução antes que se veja a proposta, ou a justiça està muy euidente, ou as vontades dos que votão estão muy apaixonadas: não era nem podia ser euidente a justiça que os grandes de Ierusalem tinhão, pera tratarem de matar a Christo; porque dar a vida a mortos, restituir auista a cegos, & curar enfermos, se se uira cõ os olhos a rezão não podia ser crime antes virtude: bem se infere logo que o vertẽ a resolução dos Iudeos logo quando se fez o concelho: *Collegerunt concilium aduersus Iesum*, que se fazia a nacia de estar a justiça euidente da parte dos Iudeos, e nacia de estarem as vontades empenhadas na morte de Christo: E se isto assi he, se neste concelho votaram vontades

Ioan. cap
11.

tades , que muito que aresoluçam fosse tyranica, & se no concelho de Lazaro votarão entendimentos . *Cogitauerunt autem* . Que muito que não fosse injustaa rezoluçam . Os concelhos adonde vota a rezam sempre foram muy acertados , mas aquelles adonde vota a vontade sempre foram muy injustos : & a rezam está muy euidente porque como quer que os concelhos se ordenaõ principalmente nas monarchias , pera castigar delitos , & pera premiar merecimentos, como poderã ver auontade aquem he justo que se dê o premio, nem aquem he bem que se dê o castigo se afes sem olhos a natureza? Quanto mais, que dado que se podera votar sem ver (que fora hũa grande injustiça) ainda a vontade ficaua incapaz. pera votar , o porque, eu o direi, porque em a nossa vontade ha dous actos, hum de amor, outro de odio (falo de quãdo vota auontade sem que se fogeiate a rezão,) & nem o odio nem o amor forão nunca bons pera conselheiros: vamos primeiro ao amor então logo viromos ao odio.

§ 3

Todos os expositores conuem em que aquellas palauras *Gene. cap 1* que disse o Padre Eterno, quando quis fazer, à Adaõ *Faciamus hominem ad imaginem & similitudinem nostram*. Forão hũa consulta que fizera, & hũ voto (digamolo aysi,) & hũ voto que pedira: nisto concordão todos, mas tambem discordão nisto, em quem fosse a peçoã aquem o Eterno Padre consultara : Diceram os Rabbinos, que consultara aos Anjos, mas impugnasse esta sua opiniã mui facilmete porque a Sabedoria superior, qual era a de Deos não avia de consultar a Sabedoria inferior qual era a dos Anjos: poi quem consultou logo Deos pera fazer o homẽ? Dico vẽturozamente S. Ioã Chrysostomo (digo venturozament *Chrysost. hom. 8. in Gen.* porque he a opiniã mais seguida.) *Quis est igitur hic ad quem inquit faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram* nij

nisi ille magni concilij Angelus ille admirabilis consiliarius unigenitus filius Dei. Quem he este (dis Chrysostomo) aquem cōsultou, o Eterno Padre na creação do homē, senão aquelle Anjo do grande conselho seu Filho Unigenito? Esta solução he entre os expoziutores a mais seguida, mas não deixa de parecer difficulতোza, senão vejão se ha grande fundamēto, pera padecer muita difficuldade: Difficulto assi: O Spirito S. não he igualmente sabio com o Verbo? Não são em todas as tres diuinas peçoas os attributos os mesmos? assi nolo ensina a Theologia, & assi nolo obriga a ser a se: Pois se isto assi he, se a terceira peçoas he tão sabia como a segunda, cōque fundamento dice S. Ioão Chrysostomo que consultara o Padre Eterno pera fazer a Adão mais a o filho, q̄ ao Spirito S.? Ou pello menos se ambos tē a mesma Sabedoria, porq̄ não dice q̄ os consultara a ambos? Querem ver o fundamēto que teue o S. pera dizer que consultou o Padre Eterno mais ao filho, que ao Spirito S.? pois he este, porque a formalidade do Filho he ser Sabedoria, & a formalidade do Spirito S. he ser amor, que assi lhe chamão os Theologos: Sabedoria ao Filho, porque procede do entē dimēto: amor ao Spirito S. porq̄ procededa vōtade, & como isto assi he, como aquella materia era de cōselho, & os cōcelhos de Deos são sempre bē ordenados, claro está q̄ neste cōcelho. *Faciamus hominem*, q̄ não auia de votar o amor, q̄ só auia de votar a razão, porq̄ o amor não he bō pera dar votos nos concelhos: *Quia Dei filius ex proprio caractere Verbū, & ratio est; Spiritus Sanctus vero non est ratio sed amor, ad spectu ergo ad humanam conditionem non dicit amorem fuisse ad consultationē adscitum sed Dei Verbum, & rationem*, dice agudamente hum expositor graue.

*D. Tho.
Scor. Su.
ar. Vsq.
& omni.
alij Th.*

*P. Celad
de bene-
dict. Pa-
triar. be-
nedict. 1.
de Ado-
mo, &
Eua. 9.
8o. n. 3.*

§ 4

Naõ consulta Deos em a creação do homē a seu amor, sendo assi, que se alguém podera consultar seu amor, era só Deos, poque como este em si seja perfeitissimo, não pode deixar de querer o que for justo, mas como o votar he hum

B

acto

acto de entender, pedir votos a vontade he fazer hũa injustiça a rezão, & hũa violencia a natureza, & Deos não costuma fazer violencias, nem sabe fazer injustiças. Viraõ ja como o amor, que he hum dos actos da vontade, não he bom pera conselheiro, pois menos o odio: E a rezão està muy clara, porq̃ se por isso não he justo o voto da affeição, porque dara o premio aquê muitas vezes merece o castigo, por isso sera tambem injusto o voto do odio, porque dara o castigo aquem merecer o premio, & com esta particularidade ainda, que mais efficaz he o odio pera fazer mal, q̃ o amor pera fazer bẽ, mais facilmente se inclina a vontade a fazer mal aquem aborrece, do que a fazer bẽ aquê ama. Do Inferno dõde estava o rico auarento atrometado vio a Lazaro em o Ceyo de Abrahão fauorecido, a Lazaro, aquelle aquêtãto aborrecera no mũdo, & tâtoq̃ o vio pediu logo efficazmente a Abraham, q̃ o mandasse ao inferno a aliuiarlo daquelle incendio em q̃ se abrazaua: *Pater Abraham mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meã, quia crucior in hac flamma.* Repara muito S. Pedro Chrisologo, em que o auarento não pediu a Abraham, que oleuasse adonde estava Lazaro, se não que mandasse a Lazaro que decesse adonde elle estava: *non se ad Lazarum, (dis Chrisologo) duci postulat, sed ad se Lazarum vult deduci.* Sendo assi, que alem de ser tão difficuloso o decer hũ bẽ-aventurado ao lugar do tormento, como subir hũ condemnado ao lugar do descanço, melhor era pera o Auarento subir donde estava Lazaro, que o decer Lazaro adonde elle estava: Pois se isto assi he, se o Auarento via que era igual adifficuldade, & mayor a conueniencia de elle subir, que de Lazaro decer, porque não pede a Abraham, que oleue ao Paraizo, senão que mande a Lazaro ao inferno? *mitte Lazarum.* A soluçãõ, que a esta difficuldade deu o grande Arcebispo de Rauenna, he que fez o auarẽto nesta forma a petição, porque como aborrecia muyto a Lazaro, mais o ator-
men-

Luc. cap.
 16.

Pet. Chri
sol. serm.
 113.

mentauã o ver a Lazaro em glorias, que o verre afsi em penas, menos sentia os incendios em que se via abraçar, doq̃ as felicidades que via a Lazaro possuir: *Ideo, quod agit diues non est nouelli doloris, sed liuoris antiqui, & zelo magis incenditur quam gehenna.* Esta he a solução de Chrisologo, mas com licença de tão grande Padre, venerando esta rezaõ por sua darei eu agora aminha com algũa nouidade, se me não engana a imaginação. Pedio o auarento a Abraham mais, que mandasse Lazaro ao inferno a onde elle padecia, doque ouuasse a elle ao Parayzo a donde Lazaro estaua, porque como quer que em tirar a Lazaro do Ceo, fazia o auarento mal a Lazaro, & em se sair do inferno se fazia bẽ afsi, escolheo antes o auarento fazer mal a Lazaro aquẽ aborrecia, do que fazerse bem afsi proprio, a quem amaua, & por não ver a Lazaro ditozo entre glorias, deixar se viuer a tormẽta do entrepenas. De crer he q̃ menor fosse o odio, q̃ o auarẽto tinha a Lazaro, doque era o amor com que se amaua à si, com tudo pode mais com elle o odio de Lazaro pera tratar de seu mal, doque pode o amor proprio pera tratar de seu bem: Tal he a inclinação da vontade humana, mas que injusta, & que escandalosa!

*Chrisolog
supra ci-
sar.*

§ 5

Esupposta esta injusta inclinação da nossa vōtade, agora acho eu a solução a hũas palauras de S. Ioão, que forão todo o arrezoado do concelho, que se fes hontem: *Quid facimus quia hic homo multa signa facit?* Diceraõ em ajunta que fizeraõ sobre Christo, os Pontifices, & Phariseos de Ierusalem, que fazemos que não matamos este homẽ? E porque? porque fas muitos sinais; boa rezão, querem dar a morte a Christo, porque fas sinais, a finalaiuos vos entre os outros, q̃ logo trataraõ de vos tirar do mundo; mas vamos a dificuldade. Que sinais seraõ estes, porque querem dar a morte a Christo? Eu odirei: dà vida a mortos, saude a enfermos, vista a cegos, & finalmente he o remedio vniuersal, & o medico so-

*Iaorn. co.
II.*

berano de toda Iudea. Pois gente ingrata, condição injusta, porque Christo vos remedeia, porq̃ Christo vos cura, o que-reis matar? Antes parece, que porque elle fazia estes sinais auicis vos de fazer concelhos pera acentar o modo com q̃ lhe poderieis conseruar a uida. Mas facil está a resposta: a-borrecião os Iudeos muito a Christo, & como o aborrecião muito, pode mais com elles o odio que lhe tinhão pera trar de seu mal, do q̃ pode o amor proprio pera tratar de seu bem. He verdade (diziaõ elles,) que este homẽ nos remedeia, mas com tudo ha de morrer; antes nos não queremos remedio, que velo a elle com vida. E se auontade se inclina mais facilmẽte afazer mal a quem aborrece, que afazer bẽ a quem ama, como vimos nos Iudeos pera com Christo, & no auarento pera com Lazaro, & não he bom o amor pera conselheiro, claro fica que menos o serà o odio, não podem logo ser justos os intentos, nem acertadas as resoluções, adonde a vontade entra a votar apaixonada, ou amando, ou aborrecendo, porq̃ quem votar com a affeição darà muitas vezes opremio a quem merece o castigo, & quem votar com o odio darà o castigo a quem està merecendo o premio, porque nem o amor sabe ver delitos, nem o odio mericimentos. Em a Corte de Athalarico dice opolitico Casiodoro, que se julgaua conforme aos mericimẽtos de cada hũ, porque em seus concelhos não votauão nẽ o odio, nem a affeição: *Electio nostra de meritũs venit non enim quidquam aut amore, aut odio aut pelleſti aliqua gratificatione decernimus.* Desorte, que dauão acada hũ o que merecia, porque nem o odio nẽ a affeição julgaua. Bem se infere logo, que não podem ser justas as resoluções adonde a vontade entra a votar apaixonada, ou amado, ou aborrecendo. Mas q̃ grande felicidade he de hũ Reyno, que grande ventura de hũa Monarchia terem seus concelhos quem vote conforme aquillo que arezaõ lhe dita, & não conforme aquillo que a vôtade lhe pede! Que justas que seraõ as resoluções, as ordẽs que acer-

Casiod.
var. Ep.
77.

acertadas, & o Reyno como se conseruara seguro ! Em os concelhos serem bem ordenados esta cifrado todo o bem, & toda a conseruação de hũ Reyno, por que como os cõcelhos são os polos sobre q se fundão as monarchias, & arezão he a basi, sobre que acentão os concelhos, tanto que se desconcertar a harmonia, tanto que se peruerter a ordem da natureza, tanto que o entêdimento se fogueitar ao que quer a vontade, & não avontade ao que decreta o entendimento, logo os concelhos não podem ser bem ordenados, nem as monarchias estar seguras. Senão digaõme ami, qual foy acauza porque se acabou taõ depreça o imperio de Nabucho, aquelle Reyno taõ dilatado no poder, & na arrogãcia, que se prometia dominar o mundo facilmente? nenhũa outra cousa mais que votos da vontade, assi odis a Scriptura, *Quos volebat, interficiebat. quos volebat. percutiebat, quos volebat exaltabat, quos volebat humiliabat.* Daniel. 5. E hũ Reyno adonde votaua a vôtade, hũa monarchia adõde governaua oquerer, era impossiucl q se podesse cõseruar. õ quãtos padeceriaõ innocẽtes! O quãtos se premiariaõ culpados! mal podia logo estar segura a cõseruação de hũ imperio, adõde era tão tyranico o gouerno. Taõ importantes como isto são nos concelhos os votos do entendimẽto, & tão perjudiciais os da vôtade, q na quelles tem as monarchias a sua cõseruação, & nestes a sua ruina. Se Christo tomara aquelle cõselho, q hũa hora lhedeu S. Pedro affeicoado, quando se vio entre as glorias do Thabor fauorecido. *Domine bonum est nos hic esse; voto naci-* Math. 17 do da vontade, & não do entendimento: *nesciens quid diceret* que se seguia de ahí? que? não menos, que ficar o mundo sem redempção, & Christo sem Reyno: não importa menos que hũ Reyno, o não seguir hũ voto apaixonado.

§ 6

Aduirtão logo os Principes, & os Monarchas do mundo, que se quizerem ver seguras suas monarchias, que não admitã o em seus concelhos aquelles, cujas resoluçoens po-

dem nascer da vontade, & não do entendimento: mas quem serão estes, (agora direi os que não he justo que se admitão, & depois os que he acertado que se escolhão;) quem são estes que os Principes não haõ de admitir em seus cõcelhos? Eu odirei em duas palauras: nem os muito validos, nem os pouco fieis, porque hũs, & outros hãõ de votar com a vontade, os validos com a affeição, & os traydores com o odio.

Ioann. 6.

La se aconselhou liũ hora Christo sobre o modo cõque auia de sustentar aquella turba, que o seguia no dezerto, & não se aconselhou porque necessitasse de conselho, que elle sabia muy bem oque auia de fazer. *Ipsè enim sciebat quid esset factururus*, senão pera ensinar aos Principes do mundo com seu exemplo: & aquem Christo pedio o conselho, foi a S. Phelippe: *Dixit ad Philippum; unde ememus panes ut m̃a ducent hi?* Mas parece na verdade, que se Christo queria ensinar aos Principes a tomar conselhos, que o auia de pedir, ou a Iudas, ou a Ioão: á Ioão porque era o mais entendido, & a Iudas, porque naquella materia era o mais experimentado, & os cõselhos aquem se hãõ de pedir, senão, ou aos experimentados, ou aos entêdidos? Digo, que Iudas hê o que tinha mais experiencia nesta materia, porque como elle trazia a bolça, & a materia era de compra *unde ememus?* parece que a elle se deuia aconsultra: pois se assi o estã ditando arezão, porque o não fes Christo assi? porque não pede o cõselho, nê a Iudas, nem a Ioão, senão a Phelippe? O porq̃ foi a S. Phelippe veremos depois, & o porq̃ não foi a Iudas, nê a Ioão veremos agora. Sabem porque? porque Ioão era valido, & Iudas era traydor, & como Christo se aconselhaua, não porque necessitasse de conselho, senão pera ensinar aos Principes do mundo, não quis fazer seus conselheiros, nem ao traydor, nem ao valido, pera que os Principes não admittão em seus concelhos, nem aos validos, nê aos traydores; porque de hũs, & outros saõ ariscados os votos, & sospeitosas as resoluçoens: do valido, porque como vota com a affeição

feição que tem ao Principe, aconselharlhea o que lhe esta melhor pera ogosto, mas peor pera aconueniencia, (porque não ouue valido no mundo que não tratasse de falar muito auontade do Rey,) & o traydor como vota com o odio, que tem ao Principe tratara de odestruir com o seu cõselho. Estes são principalmente os que os Principes não hão de admitir em seus concelhos, quais sejam os q̄ pera elle shão de escolher veremos logo no outro discurso, & como nos concelhos se proceder desta maneira, como não ouer conselheiros q̄ votem apayxonados, como votar o entendimento sogeitando asi a vontade, & não votar avontade leuando apos si o entendimento, logo serão acertadas as ordens, logo serão justas as resoluções, logo se não farão injustiças, que por isso foi tyranica aresolução q̄ se tomou hontem em oconcelho, que os Iudeos fizeram cõtra Christo, porq̄ votarão nelle as vontades, & por isso não foi injusta aresolução q̄ se hoje tomou, sobre amorte de Lazaro, porque votarão os entendimentos: *cogitauerunt autem.*

§ 7

Principes Sacerdotum: pareciam ami, & assi era bem que fosse, que pera este concelho, que se fazia sobre Lazaro, se ajuntassem os mais Sabios, & os mais entendidos de Ierusalem, porem não foi assi, os que se ajuntarão forão os mais poderozos: *Principes Sacerdotum:* mas ajuntarãoosse estes, porq̄ estes erão os conselheiros de Iudea: E porque erão estes os conselheiros? eu o direi: porque? porque erão os poderozos, ja então parece se praticaua esta rezão de estado, que agora se vza tanto no mundo, darem os cargos aquẽ tinha os titolos: *Principes Sacerdotum,* & não a quem tinha as experiencias, fazeremse conselheiros os poderozos, & não os experimentados, como se o votar tiuera algũa conueniencia cõ o poder, mas esta he acõdição injusta das cortes do mundo, darem aos grandes da fortuna, & não aos grandes do merecimento. Que bem estaua nesta verdade Ioseph o ViceRey do

Gene. 45

do Egypto: Mandou elle dizer a seu pay Iacob, que se viesse de Palestina pera o Egypto, porque ja o Rey lhe tinha dado licença, mas feslhe esta aduertencia notauel: *Nec dimittatis quicquam de supellectili vestra, quia omnes opes Aegypti vestrae erunt*: adueriti que tragais de la tudo quanto tendes, porque logo quã no Egypto tereis tudo: não parece boa a rezão, trazei tudo, porque quã tereis tudo? não tragais nada (parece que auia de dizer) não tragais nada, porque quã tereis tudo: mas falou discretamente Ioseph: porque como Iacob vinha então pera acorte, não teria nella nada, ainda que por ser seu pay o merecesse se de là não trouxesse muito: era necessario vir rico, & vir poderozo de Palestina, pera lhe porẽ os olhos no Egypto, porque nas cortes do mũdo ordinariamente, se não poẽ os olhos senão nos poderosos, & nos ricos, não se da a quem merece, senão a quem tem, & a quem pode: *Principes Sacerdotum*. Que isto se praticasse nas rãjas. nos cargos, & nos postos, de que não depende a conseruação das monarchias, bẽ se podia sofrer, mas que tẽ nestes senão ajã de por os experimẽtados, se não os ricos, & os poderosos? que ajã de fazer conselheiros, aos grandes, porque tem os tito'os, & não aos pequenos, que tem as experiẽcias? Grande semrezão do mundo. Não he isto o q̃ Christo nos ensinou (depois prometi q̃ auia de dar a rezão, porque se aconselhou Christo com S. Phelippe, & a gora me desempenho.) Ia vimos que naquella ocazião, em que Christo pedio o conselho, não consultara a Iudas, porq̃ era traydor, nem a Ioão, porque era valido; mas ainda nos ficou outro discipulo em q̃ reparar: Porque não consultou Christo a S. Pedro a quem tinha feito Principe da Igreja, & era o mayor do Collegio Apostolico, senão a Phelippe? *Dixit ad Philippũ: De consultar a S. Phelippe deu a rezão o Cardeal Toledo, de não consultar a S. Pedro a darei eu: Aliam possumus excogitare causam, (diz o Padre) nempe Philippum fuisse in his quae ad usum comparandum pertinebant peritiorem, & intelligentiorem*

Toles. hie

foi

foy S. Phelippe oconsultado , porque nesta materia era o mais intelligente, & como Christo queria ensinar ao mūdo com aquelle conselho que pedia (que nos deu em hũa só accção muitos exemplos,) não se aconselhou com Pedro que era o Principe da Igreja, & o mayor do Apostolado, senão com Phelippe, que ainda que não era Principe, ainda q̄ não era Grande, antes em o Collegio Apostolico o mais humilde, era em aquella materia o mais experimentado, & pera os concelhos não se hão de escolher os que tẽ as dignidades, nem os que tem os titolos, porque faõ grandes como era Pedro, senão os que tem as experiencias, ainda que sejão pequenos, como era Phelippe, não ha de votar quem pode, ha de votar quem sabe, que não he o mesmo ser bem-afortunado, que ser bem entendido, mas gouernasse o mūdo por leys muy encõtradas a estas: Christo pera nos ensinar deu o Cargo de cõselheiro ao exprimẽtado, o mūdo daõ ao poderozo : pera ter os postos no mundo não basta o merecer muito, he necessario ter muito, pera ter os cargos no Ceo, não importa o não ter nada, basta o merecer muito:

Ecce nos reliquimus omnia, & sequuti sumus te; quid ergo erit nobis? Dice *Math. 16*

lã S. Pedro a Christo. Senhõr nos temos deixando tudo por vosso amor, que premio nos aueis de dar agora? Vejão oque lhe respondeo Christo, *Sedebitis & vos super sedes duodecim iudicantes duodecim tribus Israel*. Eiuos de fazer Iuizes dos doze tribus de Israel. Pera terem os cargos bastoulhe aos Apostolos o merecerem muito, não lhe fez mal o não terem nada: *Ecce nos riliquimus omnia*. Não sei eu se terião elles tambom despacho, se meterão este memorial nas cortes do mundo, àdõde só a mayor grandeza he o merecimento mayor. *Principes Sacerdotum*. O que grande motiuo me daua esta materia pera discorrer largamente! mas pera irmos a outra noua quero acabar este discurso, com a soluçãõ de hũa palauras, que confirmão muito o que imos dizendo : Falaua Christo hũa hora com scus discipolos, &

Ioan. cap
5. v. 22.

dice desta maneira: *Pater non iudicat quenquam sed omne iudicium dedit filio:* Meu Eterno Padre animquem julga, porq̃ o officio de julgar, & de resolver as coufas ami mo deu; mas que rezão auera pera isto? porque julga mais o Filho que o Pay: não tem ambos o mesmo entendimento, a vontade não he em ambos a mesma? Si he, mas são as formalidades muy diferentes, porque a formalidade do Pay he ser poderozo; a formalidade do Filho he ser sabio, & pera julgar, na politica bem ordenada, haõse de escolher os sabios, naõ se haõ de escolher os poderozos; Julquem, & votẽ os que sabem, naõ votem nem julquem os que podem: Isto he o que se vza naquella Republica celeste a quem as Monarchias do mundo auiaõ de ter por exemplar em suas açõis, isto he o que nos ensinou Christo por tantas vezes, mas não sei se foy no mundo esta doutrina bem recebida, porque anão vejo muy praticada: Os grandes, os poderozos são os que tem os cargos, porisso os Principes dos Sacerdotes eraõ os conselheiros, porque erãõ os poderozos: *Cogitauerunt autem Principes Sacerdotum.*

Ita com-
muis The
ologorū
schola.

§ 8

Vt, & Lazarum interficerent. O que se tratou neste conselho foy o dar amorte a Lazaro: mas porque delitos? (bem me lembra que dei ja hũa rezão, mas tambem me lembra que prometi outra,) porque delitos querião os Principes de Ierusalem tirar a Lazaro a vida? se elle jazia descançando no sepulchro, & Christo compadecido das lagrimas das irmãs o quis tornar atrazer ao mundo, que culpa era em Lazaro, o viuer? nenhũa: pois porque o intentão matar? deu arcaõ Maldonado: *Itaque tota res, est inuidia inuidebant enim non solum auctori beneficij sed etiam eis qui beneficium acceperant.* Em resoluçam (dis Maldonado) todos estes intentos nascem de inueja, não só inuejauão a Christo, porque dera a vida a Lazaro, mas tambem enuejão a Lazaro, porq̃ recebera a vida de Christo, enueja o mundo não sô a quem

Maldor:
bic.

fas

fas o fauor, senão tambem aquem o recebe: Não estaua
 mal fundada esta rezão, senão padecera esta instancia. Dif-
 ficulto afsi. Christo não deu tambem a vida ao filho da
 viuua de Naim? Si deu, pois se omundo tem enueja aquem *Luc. cap*
 recebe o fauor, porque não enuejarão os Iudeos a este tam- *7.*
 bẽ resuscitado por Christo, & fauorecido delle? Só a Laza-
 ro tem enueja, qual sera o fundamento? Eu o direi; não en-
 uejarão tanto o fauor que Christo fes ao filho da viuua de,
 Naim, porque o não conhecião por fauorecido de Christo,
 & enuejarão muito o fauor que fes a Lazaro (sendo ambos
 da mesma igualdade,) porque o conhecião por muito vali-
 do seu. *Lazarus amicus noster*: Aquelle fauor era feito a hũ es- *Ioan. 11*
 tranho, este fauor era feito a hũ valido, & não sey que tem
 os fauores que se fazem aos validos que sempre foraõ muy
 enuejados: Fes Christo a S. Pedro Principe da Igreja, & li- *Mat. 16*
 urou a S. Ioão da morte violẽta na opiniaõ dos mais Apõs-
 tolos que afsi entenderã elles, aquelle *sic eum volo manere*: *Ioan. 21*
 Não repararã os discipolos naquelle fauor concedido a
 Pedro, & repararã muyto neste fauor feito a Ioão: *Exijt ser-* *Ioan. 21*
mo inter fratres quia discipulus ille non moritur. Começarã a
 falar, & apergũtar entre si, porque não auia de morrer Ioão.
 Não quero chamar a isto propriamente enueja (como al-
 guem ja lhe chamou) senão reparo, posto que como os dis-
 cipolos não estauã ainda entãõ cõfirmados em graça, não
 era inconueniente algũ darlhe este nome, que tambem o
 Euangelho dis delles, que tiueraõ entre si hũa grande con- *Luc. 24*
 tenda, sobre qual delles era mayor. *Facta est autẽ contẽtio in-*
ter eos quis eorum videretur esse maior: E indo adifficuldade
 pergunto afsi: Não era mayor o fauor que Christo fes a S.
 Pedro dandolhe a primacia da Igreja, do que era o que fazia
 a S. Ioão liurandoo da morte violenta, dado que afsi fosse,
 & que afsi o quizesse dizer Christo naquelle, *sic eum volo ma-*
nerere? não ha duuida: Pois porq̃ não reparã os Apõstolos,
 porque os não inquietã aquelle fauor feito a Pedro na rea-
 lidade

lidade, & reparaõ rãto naquelle q̄ fes ao Euãgelista sò na sua imaginaçãõ? Querẽ ouuir com nouidade po: q̄? Porq̄ o fauor q̄ Christo cõcedeo a Pedro era fauor feito ahũ Apostolo, & o fauor q̄ cõcedeo a Ioãõ era fauor feito ahũ valido. *Discipulus ille quem diligebat Iesus*; E os fauores dos validos s̄pre inquietaraõ, & s̄pre se enuejarãõ muito, ainda q̄ a realidade fossẽ iguais, ou fossẽ menores, q̄ os que o Principe fas aos outros: Bẽ se vio em os Iudeos pera cõ o filhoda viuua de Naim, & pera cõ Lazaro pois sendo iguais os fauores, (q̄ a ambos deu Christo a vida,) sò o de Lazaro foy enuejado, porque sò Lazaro era o valido. *Lazarus amicus noster*: Bem se vio em os Apostolos pera com Ioãõ, & pera com Pedro pois sendo mayor ofauor que Christo fes a S. Ioãõ, (se afsi fora como elles o imaginauãõ,) liurandoo da morte por violencia, do que foi o que fes a Pedro dãdolhe da Igreja a primacia, sò no fauor do Euangelista repararãõ, por q̄ entre todos os discipolos o Euãgelista era o mais valido, & o mais amado. *Discipulus ille quem diligebat Iesus*.

§ 9

De sorte que tẽ os discipolos de Christo, com andarem ao seu lado repararãõ em o fauor feito a S. Ioãõ, naõ reparando em ofauor concedido a S. Pedro, porque S. Pedro era Apostolo como os outros, & S. Ioãõ era mais que os outros valido: Mas os Iudeos passarãõ muito auante, pera cõ Lazaro, porque naõ só repararãõ em Christo lhe dar a vida, mas tambem tratarãõ de lhe dar amorte, porque lhe tinhãõ enueja: *Cogitauerunt autem Principes Sacerdotum ut, & Lazarum interficerent inuidebant enim non solum auctori beneficij sed etiam eis qui beneficium acceperant*: Vioffe Lazaro arriscado, logo que se uio fauorecido: Hora eu quando posso, & quando a rezãõ o pede trato sempre de apontar o fundamento da soluçãõ que dei aduuida que propus: Dice que os fauores dos validos ainda que fossẽ iguais, ou menores que aquelles, que os Principes costumãõ fazer aos outros, que crãõ

erão sempre enuejados , agora pergunto de nouo acauza disto: Qual sera a causa, porque os fauores que os Principes fazem aos validos são sempre enuejados, se são muitas vezes iguais, ou são menores, que aquelles que fas aos outros & podera ser que aquelles mesmos que os enuejaõ? Se ofauor que o Principe fas ao seu valido he igual , & podera ser que muytas vezes menor que aquelle que me fas ami, porque lhe ei eu de ter enueja? Arzão eu adarei, & he esta seme não engano; porque ofauor que o Principe me fas ami sêpre emi he mais do q me parece, & o fauor que fas ao valido, sempre me parece mais do que he : Eu me explico mais, façam e o Principe hũ fauor que na realidade seja tudo ami hame de parecer nada : Faça ao valido hũ fauor q na substancia seja nada, ami hame de parecer tudo, então por isso o enuejo: E isso porque? (ainda não fechamos openfamento) porque se demenuem tanto em os meus olhos os fauores que seme fazem ami: E crecem tanto os que ao valido se fazem? o porque eu o direi: porque as couzas deminuemse muito em os olhos da affeição, quando são em fauor do que se ama, & avultaõ muito nos olhos do odio quando são em fauor do que se aborrece, & como eu me amo muito ami, ainda que o Principe no fauor, & na merce que me fas na realidade me dê tudo, ami hame de parecer nada, & como os validos se aborrecem muito no mundo, q así o dice discretamente Seneca, ainda que o fauor emi seja nada ami hame de perecer tudo: Daqui nasce logo o serem tão enuejados os fauores dos validos. Que as couzas avultem muito nos olhos do odio quando são em fauor do que se aborrece, most o agora, (porque se não diga que he esta rezão liuremente dada) então de pois mostrarei o como se deminuem em os olhos da affeição, quando são em fauor do que se ama: E pera o mostrar com euidencia, não quero mais q duas palauras do mesmo capitulo de q a Igreja tirou este Euangelho. Depois que Christo resuscitou a La-

*Senec. l.
de bre-
uis. vii.
cap. 18.*

Ioan. 12

zaro algũs Iudeos que se acharão presentes a esta maravi-
lha começarão a segui-lo, & a confessar publicamente, que
elle era o Messias auia tantos seculos esperado, & por tão
repetidos oraculos prometido. Assim o dis S. Ioão *Multi prop-*
ter illum abibant ex Iudæis, & credebant in Iesum, vendo isto os
grandes de Ierusalem romperão nestas palauras notaueis:

Ioann. 12.

Ecce totus mundus post eum abiit: Porque não mata mos a este
homẽ, que já todo o mundo se vai tras d'elle, noten que não
dicerão que todo mundo seguiria a Christo de futuro senão
que já o seguia de presente *post eum abiit*, pera nos dar ma-
yor rezão de duuidar. Pois se até então não tinhamo seguido
a Christo mais que aquelles Iudeos q̃ tinhaõ assistido a re-
surcição de Lazaro, & algũs que ouiraõ resuscitado, como
dizem os grandes de Ierusalem que seguia a Christo ja o
mundo todo? Quatro Iudeos são tolo o mundo? Hora eu
darei arczão de quatro Iudeos que seguião a Christo, pa-
recerem o mundo todo aos Iudeos, & he esta, como os Iu-
deos aborrecião muito a Christo, & o seguiremno era hũa
acção em muyto fauor de Christo, aquelles poucos que o se-
guiãõ em os olhos do odio dos Iudeos avultauãõ o mũ-
do todo: *Ecce totus mundus post eum abiit*, Parecia em os olhos
de seu odio hũa quantidade grãde, aquelle numero lemita-
do, & aquelle cõcurso breue, porq̃ avultãõ muito as couzas
nos olhos do odio quãdo são em fauor do que se aborrece,
assim como se deminuem muito nos olhos da affeição, quãdo
são em fauor do q̃ se ama. Fes Deos a Abram aquelle fauor
tãõ singu'ar, qual foi o de fazerse seu protector, & tomar a
sua conta o cuidado de seu remedio, & de sua conseruação:
Ego protector tuus sum, & merces tua magna nimis. Contudo
sendo este fauor tãõ singular, sendo esta merce tãõ grãdio-
za não se deu Abraham por satisfeito com ella, & repli-
cando dis a Deos desta maneira. *Domine Deus quid dabis*
mihis? E bem Senhor, que premio me aueis vos de dar pellos
seruiços que vos tenho feito? Notauel pergunta por certo!

Tão

Tão pouco he hũa protecção de Deos , & hũ premio li-
 urado em seu mesmo ser , que ainda acha Abram que tem
 que pedir mais, depois de Deos lho prometer tanto? Ain-
 da pede, ainda dezeja mais Abraham depois de hũ premio
 tão grande, depois de hũa satisfação tão grandioza. *Domine Deus quid dabis mihi?* Que tem Deos que dar fora de si?
 nenhũa cousa : Pois se Deos dandosse assi a Abraham
 por protector lhe não ficava mais que dar: porque lhe pe-
 de ainda Abraham mais a Deos depois de Deos ter dado
 tudo a Abraham? Porque? porq̃ como Abraham se amava
 muito assi deminuiasse tanto em os olhos da affeição pro-
 pria aquelle favor de Deos tão singular, que dãdolhe nelle
 tudo parcialhe a Abraham que lhe não dava nada, q̃ assi
 como nos olhos do odio se representa tudo: quillo que he
 nada, assi tambem aos olhos da affeição se representa na-
 da aquillo que he tudo, por isso Abraham depois de Deos
 lhe dar tudo em asua protecção como se lhe não dera na-
 da por premio, lhe pediu denouo fauores. *Domine Deus quid dabis mihi?* Esta he a condição dos olhos humanos que cre-
 cem nelles, & se deminuen as couzas conforme os affectos
 interiores, se se aborrece o nada parece tudo: se se ama o tu-
 do parece nada: *Lachrimis cepit rigare pedes eius:* dice S. Lu.
 cas da Madalegna que cõ as lagrimas de seus olhos come-
 çara a lavar os pes a Christo . Não dicera melhor que lhos
 lauara se na realidade assi foy, senão sò q̃ começara alaua-
 los? *Cepit.* Hora ami me parece que salou o Euãgelista da-
 quellas lagrimas não conforme o que eraõ pera os pés
 de Christo, senão conforme o que pareciaõ aos olhos da
 Madalegna : pera os pés de Christo, verdade he que eraõ
 diluuios de lagrimas , o que o Euangelista chamava prin-
 cipios de chorar, mas pera os olhos da Madalegna, porque
 amava *Dilexit multum*, pareciaõ so principios de chorar,
 o que na realidade eraõ diluuios de lagrimas *Cepit rigare:* di-
 minuiantse muito em os olhos de sua affeição, todas aquel-
 las

Luc. cap.

7.

Luc. cap. 7

las finezas offercidas a Christo, porq̃ se deminuem muyto as mayores finezas em os olhos de hũa affeição . E se aquella he a propriedade do odio, & está a cõdição do amor bem se deixa ver acauza, porque os fauores que os Princeses fazem aos outros sempre são mais do que lhe parecem, & os fauores que fazem aos validos sempre lhe parecẽ mais do que são: E como parecem sempre maiores por isso são ordinariamente enuejados: por isso tambem sofre o mundo tão mal o ver os validos com fauores, que logo os enueja porque os aborrece, & trata de os matar, porque os enueja. *Cogitauerunt autem Principes Sacerdotum ut, & Lazarum interficerent, inuidebant enim non solum auctori beneficij sed etiã eis qui beneficium acceperant.*

S IO

E se Lazaro sendo fauorecido de Christo se vio com seus fauores ariscado, como poderaõ aquelles a quem os Princeses do mundo tem por validos estar com seus fauores seguros? Daqui veio a dizer o outro politico discretamente, que nenhũ Principe auia de singularizar sua affeição, porq̃ alem de fazer hũa injustiça dando ahũ só aquillo que he de todos, fazêdo particular hũ amor que ha de ser commũ, poẽ em muyto grande risco aquelle que ama cõ particularidade: *Quo quisque propinquior est regi eo, propinquior est partibulo:* E os Princeses não hão de arriscar, hão de cõferuar os vassallos. Qual foy a causa que Caim teue pera matar a seu irmão Abel tão injustamente? nenhũa outra senão o por Deos os olhos em Abel, não os pondo em Caim: *Respexit Deus ad Abel ad Caim autem non respexit;* E o mesmo foy ser Abel visto de Deos com algũa particularidade, que tratar logo Caim de lhe tirar a vida. Tão grosseiro, & tão enuejoso he este elemento em que viuemos, q̃ nem aos validos de Deos perdoa: E se isto alsy passa em os validos do Ceo, como poderão estar seguros, os validos da terra? & não só de uẽ os Princeses não particularizar seu amor, & seus fauores,

*Guillelm
Barchat.
lib.6.con
tra Mo-
narch.cap
4.
Genez.4.*

res, pello que deuē aos vassallos, senão tãbem pello que se deuemasi. Ser Rey he ter officio: & se aquentem cargo naõ he licito conhecer nẽ ainda oparêtesco, como poderã conhecer valido? *Mulier ecce filius tuus*, dice la aquelle supremo Rey Christo Iesu, a N. Senhora quando lhe quis entregar a S. João molher ahi tẽs o teu filho, não lhe chamou may, senão molher: & porque lhe chamou desta maneira? porq̃ lhe tinhamo dado o titulo de Rey aquella hora: *Iesus Nazarenus Rex Iudæorum*: Eo Rey não ha de conhecer nẽ ainda oparentesco mais apertado: mal podera logo conhecer valido: Esta he pois a obrigação mais principal de hũ Principe Soberano fazer seus fauores commũs não os particularizar a ninguem: nunca Christo quis no dezerto aceitar o titulo de Rey, senão na Cruz: porque no dezerto fazia fauores a algũs; & na Cruz faziaos a todos, que a todos resgatava a custa de seu sangue, & só então quis que lhe chamassem Rey quando o era, & quando oparecia; se assi ofizerem os Principes do mundo comprirão cabalmente com o que deuē assi, & aos vassallos, assi por amor da obrigação, & aos vassallos por amor do risco, pois sofre tão mal o mundo o ver aos validos com fauores, que logo os enueja, porque os aborr. ecc, & trata de os destruir porque os inueja: senão seja bom exemplo. *Lazarus Cogitauerunt autem Principes Sacerdotum ut et Lazarum interficerent inuidebant enim non solum auctori beneficij, sed etiam eis qui beneficium acceperant.* De enuejuzos intẽtarão os grãdes de Ierusalẽ matar a Lazaro, mas não chegarão acõseguir oq̃ intẽtarão: porq̃ ja dei hũa rezão q̃ segui largamẽte, agora darei outra tocada cõtoda a breuidade, de grãde aluitre pera Portugal: torno apregũtar assi, se os q̃ tratarão de dar a Lazaro a morte erão os grãdes erão os poderozos de Ierusalem, porq̃ o não executão? Por que não morre Lazaro? Porque foi prouidẽcia de Christo q̃ Lazaro não morresse: resuscitou Christo a Lazaro depois quatro dias de sepultura pois não ha Lazaro de morrer.

Jan. 19.

Mat. 27

Ioan. 6

D auera

17
· priuado aprezo, & de prezo a Visorey; são bês, & males do mundo, nem os bês duraõ, nem permanecem os males, succedem hũs a outros, como as sombras da noite os resplandores do dia: E se de peçoas particulares passarmos a Reynos enteiros acharemos o mesmo: Quantos Principes se aclamarão hontem gloriosamente victoriosos, que hoje se lametarão lastimozamête vencidos? E de quãtos se chorou hoje o destroço de que amenhã se festejara o triumpho? Quantas monarchias florecerão com tanta ventura, que se prometerão fazer soar oestrondo de suas armas, & o ecco de suas vitorias te donde o Sol estende a grandeza de seus resplandores, & dilatar seu imperio, desde onde nasce te donde morre o dia, quãtas ouue destas no mundo, que depois vierão a ser exemplo da mizeria, & o estremo da desgraça, & quãtas se derão ja por acabadas, que se leuantaraõ felices, & florecerão triumphâtes? Não me canço em repetir exêplos de q̃o mundo todo está cheo, porque estiuera apregar eternamête. Pois, se são taõ pouco permanêtes, se são como isto tão pouco firmes as vêturas, & as desgraças humanas, não he indiscricão, não he cegueira grãde querer fũdar nossas esperanças em aquillo q̃ he mais inconstante que ouento vario, & mais mudavel que a mesma mudança? Quê o poderã negar? E ainda que Deos nos assista, (que he o que se pode responder) ainda que Deos nos assista com tantos prodigios como cada hora vemos, ainda que se mostre tanto da nossa parte, ainda que fauoreça a nossa cauza tanto, nem por isso deixemos de temer, nem por isso deixemos de nos acautelar, não nos faça descuidados de nossa conseruação o ver a Deos tão cuidadozo della, porque sera lastima grande, que achemos a nossa ruina nos mesmos meios de nosso remedio: não deixemos tudo a Deos, porque ainda que tem forças infinitas, & braços omnipotentes regularmente salãdo, não costuma obrar sem as causas segundas, & se hoje fes hum milagre pera libertarnos, nem
por

por isso fara outro amenhã, pera defendernos: Grandes pro- *Excd. cap*
 digios tes Deos pera libertar aos filhos de Israel (tambem *7.8.9. &*
 pouo mimozo seu) do poder de Pharao, cõ tudo quando de- *10.*
 pois ouuerão de morrer no dezerto pera os liurar da mor-
 te não fes prodigios, q̄ não he o mesmo libertarnos Deos
 prodigiosamête hoje, q̄ conseruarnos amenhã prodigiosa-
 mête: a liberdade q̄ nos dà quer q̄ corra por sua cõra, mas acõ
 seruação que auemos mister, quer q̄ corra pella sua, & pella
 nossa: Viuamos pois muito vigilâtes, viuamos muito vni-
 dos, q̄ logo estaremos seguros, porq̄ auigilâcia, & auinião saõ
 os dous Polos sobre q̄ se funda mais seguramête a felicida-
 de dos Imperios, & a conseruação das monarchias: Nenhũa
 cousa aruina os Reynos, senão o não viucrem acautelados,
 nenhũa cousa os destrue, senão o não viucrem vnidos: o des-
 cuido he a sua enfermidade, & a defunião he a sua morte: hũ
 Reyno descuidado he hũ Reyno enfermo, hũ Reyno defuni-
 do he hũ Reyno morto. Como a vnião, & adiuizaõ saõ duas
 formalidades tão oppostas, & dous accidêtes tão cõtrarios,
 claro estã que o que cõ hũ se conserua, que cõ o outro se a-
 caba: bẽ poderã cõseruar se vnida aparte q̄ viuia apartada,
 mas não pode viuer apartado o todo q̄ se cõseruaua vnido:
 logo como a vnião he a alma das monarchias, como a vnião
 he a vida das Republicas, facil fica de entẽder q̄ hũ Reyno
 vnido he hũ Reyno viuo, & hũ Reyno diuidido, he hũ Reyno
 morto, he politica esta não menos q̄ do Rey do Reys Christo
S. N. Omne Regnum in se diuisum desolabitur, dice elle hũa hora
 aos Iudeos, se hũ Reyno se chegar a diuidir he impossivel, *Luc. 11.*
 q̄ não se chegue acabar. He hũa monarchia hũ todo misti-
 co adõde o Rey he a alma, & os vassallos o corpo; & afsi co-
 mo a vida, & ser de todo não consiste mais q̄ na vnião das
 partes. afsi a vida, & ser de hũ Reyno entãto dura, emquãto
 os vassallos estão vnidos ao Rey, & o Rey estã vnido aos vas-
 sallos: Vassallos sã Rey he hũ corpo sã alma, Rey sã vassallos,
 he hũa alma sã corpo; Vnãse pois as partes, q̄ logo se con-
 fer-

21
seruara otodo. A vnião, a vnião he a q̄ principal mētecōser
ua as monarchias, & a diuifaõ he a q̄ ordinariamente as acaba,
porque a vnião dà forças, & a diuizão tiràs: Hũ Reyno
vnido pode rezistir a Imperios: Imperios diuididos não po-
dem rezistir a hũ Reyno: poucos vnidos vencerão jãgrãdes
exercitos. Eu nesta materia de vnião não tenho q̄ reprehē-
derem Portugal, muito q̄ louuar sim, porq̄ no particular de
amãte, & vnido ao seu Rey pode dar enueja, & seruir de exē-
plo atodas as monarchias do mundo: só lhe quizera aduer-
tir pello que vejo commumente praticar, que não he bas-
tante estar vnido ao Rey nas occasioēs de descança, senão
tambē nas occasioēs do aperto, antes quãdo este for mais
virgente, então ha de ser a vnião mais apertada, porque se a
diuizão acaba hũ Reyno na paz, mais facilmente o acaba-
ra em guerra. Quero dizer que não só se ha de assistir ao Rey,
quando està no passo, hasse tambem de acompanhar ao Rey
quãdo esta è cãpo, no passo não lhe he necessario ao Prin-
cipe, q̄ todos os vassallos lhe assistão, mas posto em cãpo o
monarcha he diuida q̄ todos os vassallos o acõpanhẽ, por
dous fũdamētos muy cõformes atoda a rezão de boa po-
litica, porq̄ se o Rey fae acampo por amor de nos, porque
não auemos nos de sair acampo por amor do Rey? não sei
cõique titolo ficaõ os vassallos na paz, quãdo o Princi-
pe fae aguerra: Esta he a primeira rezão, a segunda seja porq̄
não he obrigaçãõ do vassallo assistir ao Rey nas occasioēs
do descãço, mas he diuida do vassallo assistir ao Rey nas
ococãsiões da afflição, quãdo o Principe se diuerte, quãdo o
Principe descãça não he necessario, antes he impossivel, q̄
todos os vassallos cõ elle descancẽ, mas quando padece he
necessario, antes he obrigaçãõ, que todos os vassallos com
elle padeçãõ: Aos vltimos rigores com que Christo amea-
çou o mundo dice elle, que auião de preceder grandès si-
gnais no Sol, na Lua, & nas estrellas: *Erunt signa in Sole Luna,
& Stellis:* Bem sei que dizem todos que ha demandar Chris-

Luc. 21.

to aos homens tão anticipados finais, porque como foge muito de castigarnos, quer que o auizo nos faça temerosos, & que o temor nos faça arrependidos: mas não he isto o em que eu queria reparar, o q̄ pondero, & o em que reparo muito, he em q̄ sejam estes finais no Sol, na Lua, & nas estrellas! não bastau a q̄ apparecessẽ só no Sol, pera atemorizar o mūdo? Si por certo: & o q̄ aperta mais a difficuldade he, q̄ não se vẽdo as Estrellas jūtamente cō o Sol, nesta occasiã apparecã o Sol juntamente, & as estrellas: *Erūt signa in Sole. Luna, & stellis*

Todos sabẽ que a vida do Sol he a morte das estrellas, o mesmo he apparecer este Planeta luminoso, q̄ desaparecem ainda os Astros mais luzidos, cada dia ouemos, cada dia o experimentamos. Pois se por ordem da natureza, pera apparecerẽ as Estrellas he necessario q̄ se auzẽte o Sol, porq̄ só no dia vltimo do mundo, se ha de dispensar com esta lei, porque hãõ de apparecer o Sol, & as estrellas juntamente? sera isto por uẽtura premissãõ algũa do Sol? não he premissãõ do Sol, he obrigaçãõ das Estrellas: Como o Sol he o Principe dos Astros, como o Sol he o Monarcha de toda essa Republica luzida, não importa nada (antes he impossivel) q̄ as Estrellas luzaõ, quando elle luz, mas importa muito, (antes he necessario) q̄ ellas padeçãõ, quando o Sol padece: não estãõ obrigadas as Estrellas assistir luzidas ao Sol quando luzido, mas estãõ obrigadas a assistir eclipsadas ao Sol quando eclipsado; Padece eclipses o seu Principe, pois padeçãõ eclipses os Astros, por isso se vera o Sol no dia do luizo assistido de Estrellas eclipsadas, porq̄ apparecerã eclipsado, não se vendo nos outros dias assistido de Estrellas luzidas, porq̄ apparece luzido. Imite pois a politica humana esta politica Celeste, quando o seu Principe descança, quando o seu Principe se diuerte, & finalmente quando busca as occasiões de aliuio, (q̄ assi he Rey, q̄ tãbẽ he homẽ) basta q̄ os vassallos estejãõ vnidos a elle, & q̄ lhe assistãõ com as vôtades, mas quando he necessario sair acampanha, quando he necessario

padecer na guerra he tãbẽ necessario vnirẽse, & assistirẽlhe
cõ as vōtades, & cõ as peçoas: não estão obrigados, adescã-
car quãdo elle descãça, mas estão obrigados a padecer quã-
do elle padete. Ia eu dice q̃ o Rey era a alma de hũ Reyno, &
q̃ os vassallos erão o corpo: Supposto isto quẽ não sabe, q̃
bẽ pode gozar aliuios a alma s̃e que delles participe o cor-
po, mas q̃ não pode deixar de padecer penas o corpo hũa ves
q̃ as padece a alma? Se assi ofizerem sempre os Portuguezes
como fazẽ, & cõ cõfio q̃ hão de fazer s̃e pre: se andarẽ mui-
to vigilãtes em suas obrigaçoẽs, & viuerẽ muito vnidos ao
seu Rey cõ as vontades, & com as peçoas, com as vontades
na paz, cõ as peçoas, & cõ as vontades na guerra, alcança-
rão grandes venturas, & o Reyno se conseruara por muitos
seculos, felices no desempenho de nossas esperanças, felices
nos successos de nossas armas, na restauraçãõ de nossas
conquistas, & na conseruação de nossas felicidades, q̃ assi o
estão prometendo as Prophecias, assi o estão confirmando
estes venturosos principios, & finalmentẽ felices na refor-
mação dos costumes, no aumento da fé Catholica, no zelo
do nome Christão por meyo da Graça, que he certo penhor
da Gloria. *Adquam nos perducatur Dominus omnipotens, Pater,
Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

FINIS LAUS DEO.

TAixão este Sermão em 20. reis, em papel. Lisboa 30. de
Outubro de. 1647.

Pinheiro.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Por Paulo CraesbeecK. E a sua custa.